

GALERIA VERA CORTÈS

Anna Franceschini TU SEI LA NOTTE



14 Maio – 12 Junho 2019

14 May – 12 June 2019

Há um fantasma de um corpo que vagueia no espaço expositivo. Não conhecemos o seu género, a sua altura ou peso. Na verdade, não sabemos mesmo se é o fantasma de um ser humano. Mas sabemos que *está ali*. Ele passa através dos objetos, animando-os, move-se entre imagens enquanto negocia aparições efémeras, materializando-se em elementos decorativos. Parece paradoxal que a palavra «fantasma» — do grego antigo φάντασμα — tenha a sua raiz etimológica no termo φαντάζω, «fazer aparecer», como se a sua natureza nos dissesse que o espaço da mise-en-scène é governado por uma ambiguidade substancial.

A pesquisa e prática artística de Anna Franceschini focaram-se sempre no potencial expressivo deste espaço ambíguo, revelando e exacerbando os paradoxos do *estar em exibição*. Para a exposição TU SEI LA NOTTE, na galeria Vera Cortês, esta investigação toma a forma de um corpo fantasmagórico que infeta e destabiliza o olhar, questionando a ontologia do objeto e a sua relação com a *mise-en-scène*. Entre a transparência e a opacidade, a experiência de TU SEI LA NOTE sugere que exposição e ocultação não são tipologias em oposição, mas a condição de cada encenação. Afinal, *estar em exibição* liga fundamentalmente a categoria artística e a categoria mercantil do capitalismo tardio — pelo menos na forma como as entendemos nas sociedades ocidentais. A estética de Franceschini enceta um diálogo íntimo com os produtos anónimos do consumo desenfreado, abraça as suas formas sem autor e partilha o seu destino desprezível e inglório.

No seu painel vídeo *Tu sei la notte* (2019), três perucas de cores diferentes realizam uma *pole dance* erótica e espasmódica sob uma luz estroboscópica. O filme insiste na textura das perucas e nos resíduos orgânicos sobre elas depositados, uma abordagem quase fetichista que pretende incutir a dúvida de que a hipertrofia das mercadorias talvez não ande ao par do empobrecimento da experiência sensível, mas, pelo contrário, talvez a amplifique e democratize. Como apontaram Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, o que define o atual capitalismo do hiperconsumo é uma espécie de criatividade transes-tética — que não é menos clínica e agressiva do que aquela que caracterizava o primeiro capitalismo — que explora as dimensões estéticas e imaginárias em grande escala com o intuito de gerar lucro.

No entanto, ainda que Franceschini aceda aos objetos através da cultura capitalista, a sua mercadoria não é exibida de acordo com os

atributos que o mercado lhe confere, ou respeitando o seu valor utilitário. De facto, eles são desfuncionalizados e o objetivo que lhes foi atribuído na sua produção massificada é contrariado. A artista parece sugerir que a vida das mercadorias não é limitada aos seus processos de produção, distribuição, troca e consumo, mas pode evoluir de formas imprevisíveis. Ela está convencida de que os objetos retêm outros espaços, histórias secretas e possibilidades que nós ignoramos. É precisamente esta terra de ninguém que acolhe a sua prática artística, é deste *terrain vague* que emerge a linguagem de Franceschini. Na verdade, a sua relação com os bens de consumo não é enganosa, mas sempre lúdica e erótica — e aqui podemos identificar tanto a matriz surrealista da sua prática como a influência do «cinema de atração».

Desta forma, este registo é o cavalo de Troia que permite a Franceschini abordar o objeto de uma forma que transcende a teleologia modernista e do ecletismo pós-moderno: o casamento com a indústria massificada é a sua entrada lateral para o mundo misterioso das coisas. Nesta terra de ninguém, a artista anima e desencadeia uma crise de identidade no domínio dos bens de consumo, obrigados a viver numa forma que já não corresponde a uma função, com uma alma que já não possui uma correspondência física. Esta crise de identidade reverbera em *Tu sei la notte* — dentro e fora das imagens em movimento — e invade a decoração do ecrã que recebe o filme, onde três formas andróginas parecem imitar, sem sucesso, a dança das perucas.

Os objetos de Franceschini já não cabem na nossa definição de objeto ou imagem, eles são *objetos-exposição* e *imagens-exposição* cuja condição é de *eterno travestimento*. Pausando para pensar sobre o assunto, podemos compreender que esta é a condição do fantasma, mas também do *ready-made Rhoda Decorum*, que, quase com orgulho, continua a rodar em frente aos nossos olhos como se nada tivesse acontecido.

There is the ghost of a body that wanders in the exhibition space. We don't know its gender, nor do we know its height or weight. Indeed, we don't even know if it is the ghost of a human being. But we know that there is. It passes through and animates objects, moves between images, navigates the fleeting apparitions, materializes itself within decorative elements. It seems almost paradoxical that the word "ghost" – from the ancient Greek φάντασμα – has its etymological roots in the term φαντάζω, "to show", as if its very nature revealed to us that the space of *mise-en-scène* is governed by a substantial ambiguity.

Anna Franceschini's research and artistic practice have always investigated the expressive potential of this ambiguous space, uncovering and exacerbating the paradoxes of *being on display*. For the exhibition TU SEI LA NOTTE, at Vera Cortês Gallery, this survey takes the shape of a phantasmagoric body that infects and destabilizes the gaze, questioning the ontology of the object and its relationship with the *mise-en-scène*. Between transparency and opacity, the experience of TU SEI LA NOTTE suggests that exposure and concealment are not types in opposition, but rather the condition of each staging. After all, *being on display* fundamentally links the art category – as we know in modern Western society – and the goods category of the late-capitalism. Sure enough, Franceschini's aesthetics is in intimate dialogue with the anonymous products of unbridled consumption, embraces their forms without an author, shares their sleazy and inglorious destiny.

In her screen-cum-video *Tu sei la notte* (2019), three wigs of different colors engage a spasmodic and erotic dance on a pool dance pole intermittently illuminated by a strobe light. The film insists on the texture of the wigs and on the organic residues they retain, through an almost fetishistic mode that intends to instill the doubt that, perhaps, the hypertrophy of goods does not go hand in hand with impoverishment of the sensible experience, but on the contrary amplifies and democratizes it. As Gilles Lipovetsky and Jean Serroy have pointed out, what defines the current hyperconsumption capitalism is a kind of trans-aesthetic creativity – no less cynical and aggressive than that of early capitalism – which exploits the aesthetic-imaginary dimensions on a generalized scale for generating profit.

However, even if Franceschini access to the object is the same of the capitalist culture her goods are not shown according to the

attributes that the market grants them or according to their use value. In fact, they are de-functionalized and the goal assigned by mass production is contradicted. Indeed, the artist seems to suggest that the life of commodities does not end in the processes of production, distribution, exchange, and consumption, but can evolve in unpredictable ways. She is convinced that objects retain further spaces, secret stories, possibilities that we ignore. And it is precisely in this no man's land that her practice is placed, it is from this *terrain vague* that Franceschini's language emerges. As a matter of fact, her relationship with goods is not misleading, but always playful and erotic – in this we find both the surrealist matrix of her practice and the influence of the "cinema of attractions".

Therefore, this register is the Trojan horse that allows Franceschini to access the object beyond modernist theology and postmodern eclecticism: the alliance with mass industry is her side entrance to the mysterious realm of things. In this no man's land the artist animates and unleashes an identity crisis of the commodities, forced to live in a form that no longer responds to a function, forced to live with a soul that no longer has a physical correspondence. The identity crisis reverberates in *Tu sei la notte* – inside and outside the moving images – and also invades the decoration of the screen that hosts the film, where three androgynous peeled figures seem to imitate the wigs dance without success.

Franceschini's objects are no longer objects and images as we know, but *display-objects* and *display-images*, whose condition is an eternal *being-in-drag*. If we pause to think about it, we realize that this is the same condition of the ghost, but also the same condition of the ready-made *Rhoda Decorum*, which, almost proudly, continues to rotate on the blue moquette in front of our gaze, as if nothing had ever happened.





Tu sei la notte, 2019

Vídeo HD, 9:16 ratio, cor-mudo, loop, estrutura de metal, placa de alumínio cortado cnc e pintada, monitor led 32"

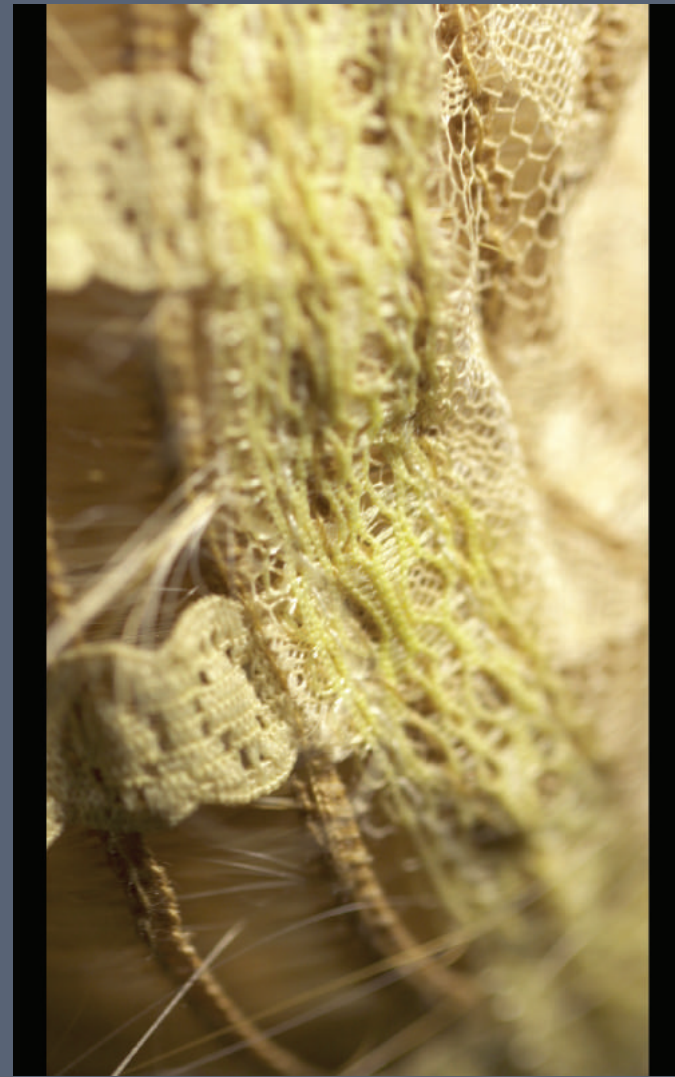
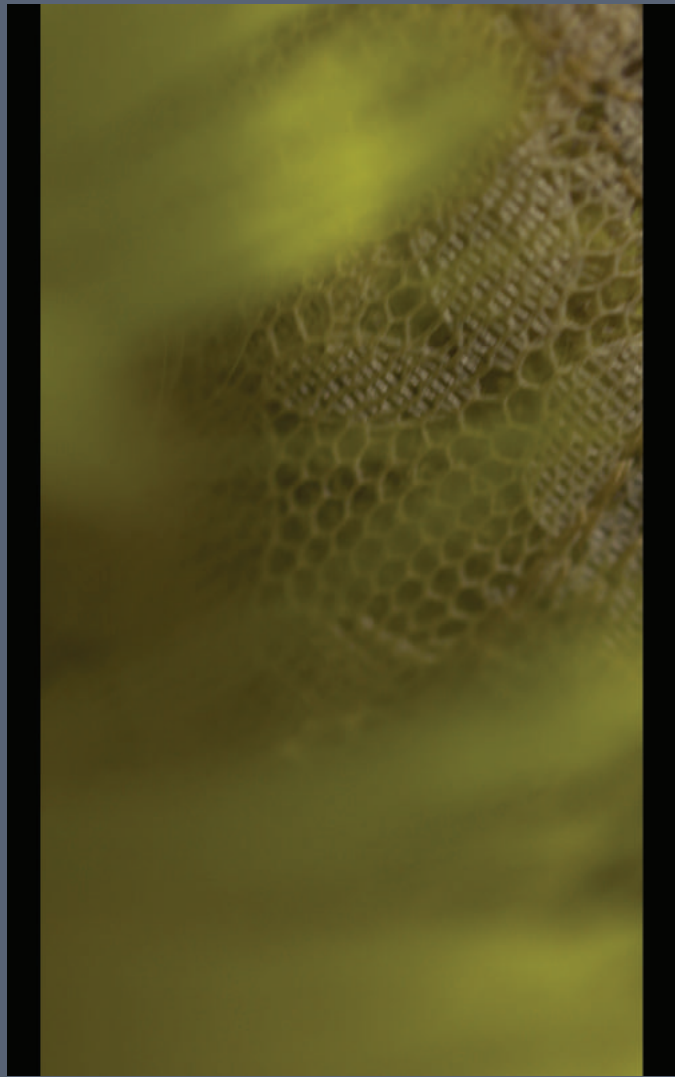
HD video, 9:16 ratio, colour-mute, loop, iron structure, painted and cnc cut aluminium plates, led monitor 32"

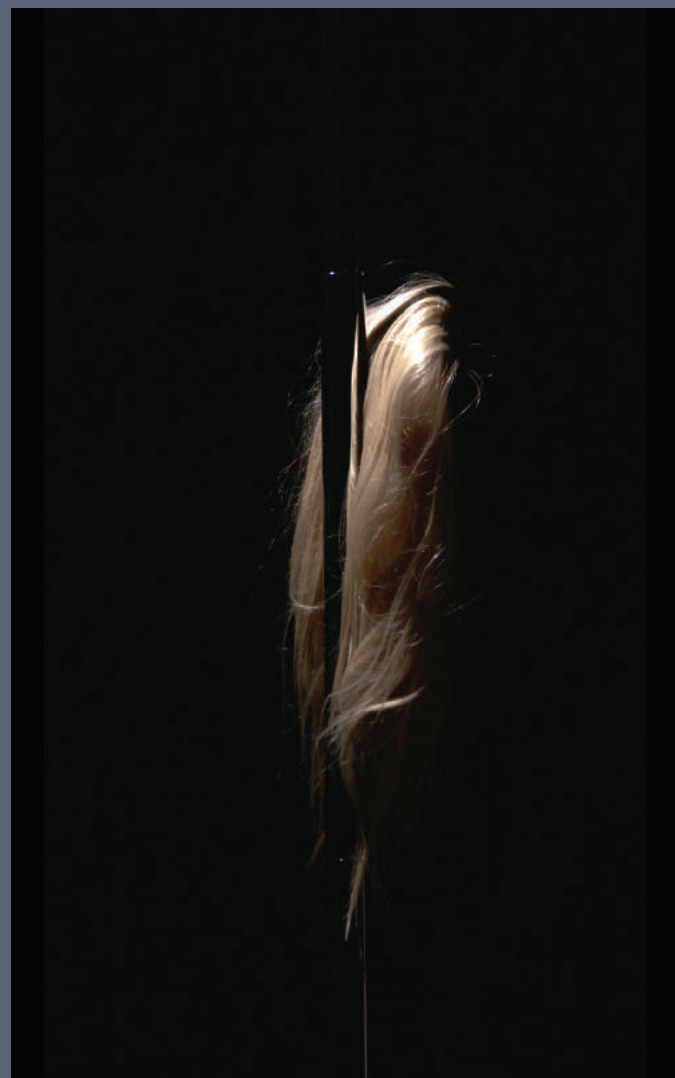
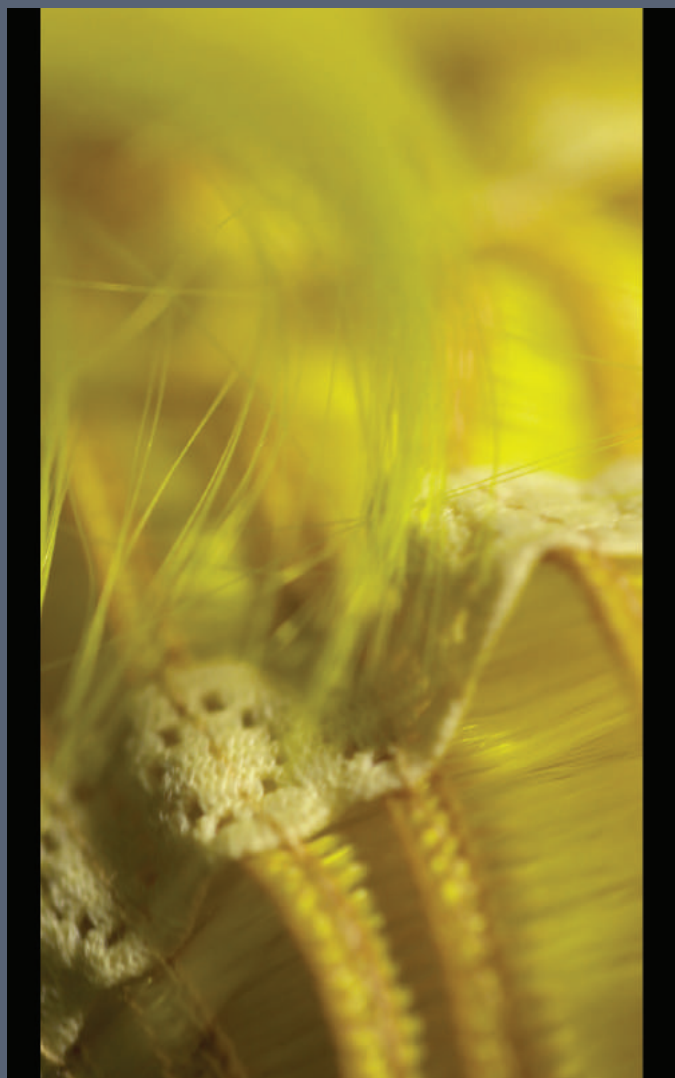
177 x 167 x 50 cm

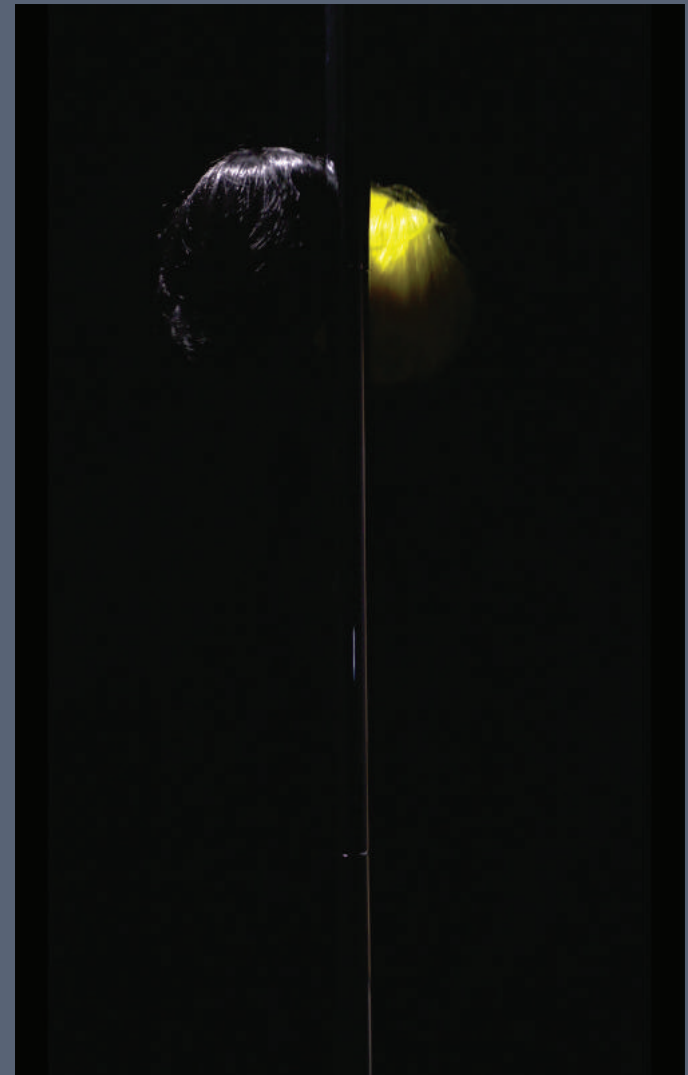
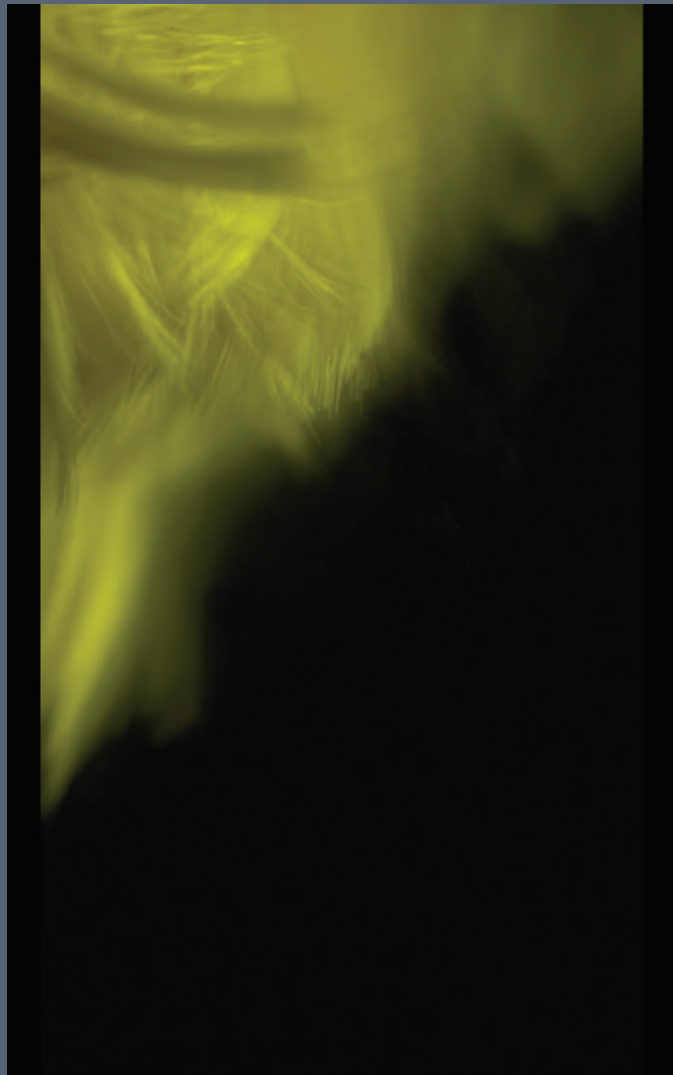
Ed. 1/3

[Link video](#)

Password: NOTTE













Rhoda Decorum, 2019
Peruca artificial loira, plexiglas, motor,
plinto de ferro pintado
Artificial blond hairpiece, plexiglass,
motor, painted iron plinth

134 × 25 × 25 cm
Única / Unique







Anna Franceschini
Pavia, 1979

Anna Franceschini (Pavia, 1979) está a completar o PhD em Visual and Media Studies (IULM University, Milão), concluiu o Diploma Film Direction e o MA Television, Cinema and Multimedia Production.

Em Novembro, apresentará o filme BUSTROFEDICO, trabalho desenvolvido a partir de um convite, para o Pavilhão de Itália (“Neither Nor: The challenge to the Labyrinth / Né altra Né questa: La sfida al Labirinto” com curadoria de Milovan Farronato), no âmbito da 58a Bienal de Veneza.

Das exposições coletivas em que participou destacam-se as instituições: Fundação Iberê Camarago, Porto Alegre (BR); CAC Vilnius (LIT); QUADRIENNALE, Rome (IT); MACRO, Roma (IT); Matadero, Madrid (SP); Museo Nitsch, Nápoles (IT); OCAT Shanghai (PRC); PAC: Padiglione Arte Contemporanea, Milão (IT); The Green Parrot, Barcelona (SP); MARCO, Vigo (SP); MAXXI, Roma (IT); Nomads Foundation, Roma (IT); Fundação Sandretto Re Rebaudengo, Turim (IT); FUTURA, Praga (CZ); Villa Medici, Roma (IT).

Uma seleção das suas exposições individuais inclui: Italian Cultural Institute, Brussels (BE); ALMANAC INN, Turim (IT); Kunsthalle São Paulo (BR); GAM, Turim (IT); Museion, Bolzano (IT); Fiorucci Art Trust, Londres (UK); Kunstverein Duesseldorf (DE); Spike Island, Bristol (UK); Vistamare / Benedetta Spalletti, Pescara (IT); Peep Hole, Milão (IT); Bielefelder Kunstverein (DE); Kiosk Gallery, Gent (BE); Objectif – Exhibition, Antuérpia (BE); Fondazione Bevilacqua La Masa, Veneza (IT); Instituto Italiano di Cultura, Paris (FR); CURA Basement, Rome (IT) e Galeria Vera Cortês (PT).

O seu trabalho tem sido apresentado e premiado em vários festivais de cinema, entre os quais: Festival de Cinema de Roterdão (NL), 60º Festival de Cinema de Locarno (CH), Festival de Cinema de Turim (IT), Courtisane em Gante (BE) e o Festival de Cinema de Milão (IT).

Em 2017, recebeu o Italian Council Award for production, DGAAP - Mibact (IT).

Em 2011 o seu trabalho foi premiado com uma menção honrosa no Ariane de Rothschild Prize – Milão (IT) e em 2012 foi vencedora do Fondazione Casoli Prize 2012 – Fabriano (IT), o New York Prize (Ministério dos Negócios Estrangeiros – IT) e o Terna Prize (IT).

Participou em várias residências artísticas, entre as quais: Rijksakademie Van Beeldende Kunsten – Amsterdão (NL), VIR / Viafarini In Residence – Milão (IT), ISCP Program em Nova Iorque (US) e PIVÔ em São Paulo (BR).

As suas obras fazem parte de coleções privadas e institucionais tais como: GAMEC, Bergamo (IT); MACRO, Roma (IT); Musée National d’Art Moderne / Centre Georges Pompidou, Paris (FR); Les Abattoirs / Frac Midi-Pyrénées, Toulouse (FR); Dommering Collection, Amsterdão (NL) e Nicoletta Fiorucci Collection, Londres (UK).

Anna Franceschini
Pavia, 1979

Anna Franceschini (Pavia, 1979) is PhD candidate in Visual and Media Studies (IULM University, Milan), she has a Diploma in Film Direction and a MA in Television, Cinema and Multimedia Production.

In November, she will present the film BUSTROFEDICO, a special commission for the Italian Pavilion (“Neither Nor: The challenge to the Labyrinth / Né altra Né questa: La sfida al Labirinto” curated by Milovan Farronato) on the occasion of the 58a Biennale di Venezia.

She took part in group exhibitions including institutions such as: Fundação Iberê Camarago, Porto Alegre (BR); CAC Vilnius (LIT); QUADRIENNALE, Rome (IT); MACRO, Rome (IT); Matadero, Madrid (SP); Museo Nitsch, Naples (IT); OCAT Shanghai (PRC); PAC: Padiglione Arte Contemporanea, Milan (IT); The Green Parrot, Barcelona (SP); MARCO, Vigo (SP); MAXXI, Rome (IT); Nommas Foundation, Rome (IT); Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Turin (IT); FUTURA, Prague (CZ); Villa Medici, Rome (IT).

Solo exhibitions include: Italian Cultural Institute, Brussels (BE); ALMANAC INN, Turin (IT); Kunsthalle São Paulo (BR); GAM, Turin (IT); Museion, Bolzano (IT); Fiorucci Art Trust, London (UK); Kunstverein Duesseldorf (DE); Spike Island, Bristol (UK); Vistamare / Benedetta Spalletti, Pescara (IT); Peep Hole, Milan (IT); Bielefelder Kunstverein (DE); Kiosk Gallery, Ghent (BE); Objectif – Exhibition, Antwerp (BE); Fondazione Bevilacqua La Masa, Venice (IT); Istituto Italiano di Cultura, Paris (FR); CURA Basement, Rome (IT) and Galeria Vera Cortês (PT).

Her work has been presented and awarded in several film festivals among which are the Rotterdam Film Festival (NL), 60th Locarno Film Festival (CH), Torino Film Festival (IT), Courtisane, Ghent (BE) and Milan Film Festival (IT).

In 2017, she was the recipient of the Italian Council Award for production, DGAAP - Mibact (IT).

In 2011 her work was awarded with a mention of Honor at Ariane de Rothschild Prize – Milan (IT) and in 2012 she is the winner of Fondazione Casoli Prize 2012 – Fabriano (IT), New York Prize (Ministry of Foreign Affairs – IT) and Terna Prize (IT).

She has been a resident artist at the Rijksakademie Van Beeldende Kunsten – Amsterdam (NL), VIR / Viafarini In Residence – Milan (IT), ISCP Program in New York (US) and PIVO in São Paulo (BR).

Works of hers are part of institutional and private collections such as GAMEC, Bergamo (IT); MACRO, Rome (IT); Musée National d'Art Moderne / Centre Georges Pompidou, Paris (FR); Les Abattoirs / Frac Midi-Pyrénées, Toulouse (FR); Dommering Collection, Amsterdam (NL) and Nicoletta Fiorucci Collection, London (UK).

GALERIA VERA CORTÊS